

**O GÊNERO *ENTREVISTA* EM SALA DE AULA: UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA REALIZADA POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO**

Alyere Silva Farias - UFCG
alyeresf@yahoo.com.br

Bruno Alves Pereira - UFCG
brunoapcg@bol.com.br

Thaís de Andrade Lima - UFCG
thaisdealima@hotmail.com

Profa. Dra. Maria Augusta de G. M. Reinaldo - UFCG¹
freinaldo@uol.com.br

Resumo: Este trabalho, resultado de uma experiência de ensino realizada por professores em formação no âmbito da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa I, tem como objetivo relatar e avaliar algumas das ações didáticas envolvidas na aplicação de uma sequência didática com o gênero *entrevista*. A referida sequência foi desenvolvida em torno da produção de uma entrevista em suas modalidades oral e escrita, com alunos de uma turma de 9º ano em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande, Paraíba. Os referenciais teóricos contemplam descrições sobre o instrumento sequência didática (DOLZ et al., 2004); sobre o gênero entrevista e suas relações com o ensino (FÁVERO, 2001; HOFFNAGEL, 2002; SILVA, 2003); e considerações sobre gramática de uso, gramática reflexiva e retextualização (TRAVAGLIA, 1996; MARCUSCHI, 2001).

Palavras-chave: sequência didática; entrevista; fala; escrita.

Introdução

A experiência relatada, a seguir, desenvolvida com alunos de uma turma de 9º ano em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande (PB) por professores em formação no âmbito da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa I, foi norteada pelos seguintes conceitos teóricos desenvolvidos no âmbito dos estudos sobre ensino-aprendizagem de língua portuguesa enquanto língua materna: concepções de língua/linguagem; gênero textual e sequência didática.

No final dos anos 90 do século XX, o Governo Federal Brasileiro publicou um documento parametrizador do ensino de língua portuguesa na educação básica - Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) -, que agregou contribuições desenvolvidas na área dos estudos linguísticos. Uma contribuição relevante para o ensino de língua

¹ Professora responsável pela disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa I, oferecida pela Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, no período 2007.2.

portuguesa, presente neste documento, é a concepção de *língua/linguagem* como uma “ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). A visão sócio-histórica expressa por esta concepção se contrapõe à visão de língua/linguagem como expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, outrora dominante nos estudos linguísticos.

De acordo com a concepção oficializada para o ensino, a língua/linguagem se materializa em *gêneros textuais e/ ou discursivos*, compreendidos como textos com características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, construção composicional e estilo (BRASIL, op. cit.).

Para mobilizar a noção de gênero textual como condutora das práticas de uso e reflexão da língua em sala de aula, utilizamos a noção de *sequência didática*, desenvolvida originalmente pelo grupo de Didática do Francês – língua materna, da Universidade de Genebra, entendida como “um conjunto de atividades escolares, organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ et al., 2004, p. 97).

A partir da reflexão sobre as necessidades do aluno, selecionamos como foco da sequência o *gênero entrevista com pessoa pública*, cuja finalidade consiste na promoção do entrevistado, com o intuito de torná-lo conhecido pelo público (HOFFNAGEL, 2002). Sua estrutura composicional e estilo são caracterizados, respectivamente, pelas presenças do par dialógico pergunta-resposta e de sequências textuais variadas (narrativa, argumentativa, descritiva, etc).

No âmbito dos atuais estudos sobre o ensino de língua portuguesa, a entrevista é tida como gênero a ser privilegiado nas práticas de USO da língua – escuta, leitura e produção oral e escrita (BRASIL, op. cit.; SILVA, 2003). Outra razão para a escolha deste gênero foi o fato de o livro didático *Tudo é linguagem* (BERTIN et al., 2006), adotado pela escola na qual esta experiência foi desenvolvida, abordar a entrevista como um dos objetos de ensino. Considerando que este gênero possibilita a reflexão sobre as relações entre fala e escrita, adotou-se a atividade de retextualização (MARCUSCHI, 2001) como procedimento que favorece a aplicação dos princípios da gramática de uso e da gramática reflexiva (TRAVAGLIA, 1996).

1. Procedimentos metodológicos

Este trabalho tem como objetivo relatar os procedimentos metodológicos e avaliar algumas atividades desenvolvidas na aplicação de uma sequência didática com o gênero *entrevista*. Para tanto, descrevemos, a seguir, as 13 (treze) aulas ministradas no âmbito da sequência desenvolvida, dividindo-as, de acordo com o eixo priorizado, em: leitura/escuta; produção escrita/oral; análise linguística; produção escrita com foco na reescrita.

Leitura/Escuta

1ª aula

A primeira aula foi planejada com o objetivo de propiciar um espaço para a apreciação da literatura de cordel e, ao mesmo tempo, introduzir um sujeito a ser entrevistado pelos alunos.

Inicialmente, realizamos uma sondagem com o objetivo de identificar a familiaridade dos alunos com a literatura de cordel e requisitamos que os alunos elaborassem hipóteses sobre o enredo de “O Gostosão”, de autoria de Maria Godelivie, a partir da xilogravura da capa e do título do cordel. Grande parte dos presentes afirmou conhecer o gênero literário em questão, relatando histórias escolares e extraescolares de leitura, principalmente, de folhetos de cordeis conhecidos nacionalmente. Em seguida, expusemos oralmente aspectos da literatura de cordel como seu surgimento, principais características e presença na Paraíba.

Depois da distribuição de exemplares do referido folheto e da organização dos alunos em duplas, realizamos uma oralização dramatizada. Já a segunda oralização foi realizada por alguns alunos voluntários. Posteriormente, procedemos à verificação das hipóteses previamente elaboradas e observamos tentativas bem sucedidas dos alunos de identificar os pontos que comprovam uma dada hipótese.

2ª aula

A segunda aula foi planejada com dois objetivos: introduzir os alunos no papel de entrevistadores e conduzi-los ao reconhecimento do contexto de produção e das características sócio-comunicativas e composicionais do gênero entrevista escrita.

Em vista do primeiro objetivo, os alunos realizaram individualmente a *Atividade I*: o registro de perguntas que eles fariam à poetisa Maria Godelivie caso tivessem a oportunidade de encontrá-la.

No momento seguinte, foram conduzidos à elaboração de hipóteses sobre as características de uma entrevista. Procedemos à leitura da entrevista “O cordel levado a sério”, realizada com um poeta popular e publicada na revista *Cordeletras*. Logo após, procedemos à verificação das hipóteses elaboradas sobre as características da entrevista.

3ª aula

A terceira aula teve como objetivo a observação do contexto de produção em que se insere a entrevista oral e a identificação das características de entrevistas orais e escritas.

Inicialmente, realizamos a leitura da transcrição de uma entrevista oral² da jornalista Marília Gabriela com a cantora Ivete Sangalo. Em seguida, os alunos procederam à realização da *Atividade II*, que consistia no preenchimento de um quadro de observação das características e do contexto de produção das entrevistas observadas. Por fim, revisamos o preenchimento do quadro com os alunos, a fim de socializar os seus registros de forma colaborativa.

Produção escrita/oral

² A projeção da entrevista não pode ser realizada, pois no dia em questão houve falta de energia elétrica na escola.

4ª aula

A quarta aula teve como objetivo a identificação e a prática dos processos envolvidos na retextualização de uma entrevista oral para uma entrevista escrita. Esse objetivo foi estabelecido em face do planejamento da sequência, que propunha como produção textual final uma entrevista escrita, a partir de uma entrevista oral realizada pelos alunos.

Para tanto, os alunos realizaram a *Atividade III*, que consistia na transformação de um trecho da entrevista oral da jornalista Marília Gabriela com a cantora Ivete Sangalo para uma entrevista escrita, a ser publicada em uma revista destinada ao público juvenil.

5ª aula

A quinta aula teve por objetivo a preparação das perguntas para a entrevista com a cordelista Maria Godelivie.

Considerando este objetivo, distribuimos os alunos em pequenos grupos e com base nas questões criadas por eles na *Atividade I*, pedimos para que cada grupo realizasse a *Atividade IV*, que consistia na escolha de duas perguntas e dois entrevistadores. Construimos um roteiro da entrevista, chamando a atenção para o fato de que os alunos poderiam realizar outras perguntas durante a entrevista, desde que considerassem a temática e a relevância das questões.

6ª aula

Realizamos na sexta aula a construção de uma versão colaborativa da retextualização proposta na *Atividade III*, com o objetivo de evidenciar as diferenças entre entrevista oral e entrevista escrita, bem como os processos envolvidos na transformação de uma modalidade para a outra. Além disso, chamamos a atenção para o uso da pontuação adequada e para a apresentação clara das ideias contidas no trecho da entrevista oral trabalhado.

7ª aula

A sétima aula foi destinada à produção da entrevista oral, filmada e audiogravada, com a cordelista Maria Godelivie. Além das perguntas planejadas previstas no roteiro, observamos a presença de novos questionamentos realizados pelos alunos a partir de determinadas considerações da entrevistada.

Análise linguística

8ª aula

O objetivo da oitava aula foi observar quais as estratégias envolvidas no processo de retextualização de uma entrevista oral para uma entrevista escrita, a partir das produções dos alunos. Para isso, selecionamos produções representativas de um bom desempenho e outras realizadas de modo não satisfatório na *Atividade III*.

Distribuímos a coletânea com 5 (cinco) trechos das produções discentes e pedimos que os alunos realizassem a leitura fazendo observações sobre o que estaria adequado nos exemplos ou o que poderia ser melhorado e de que modo. Requisitamos também que os alunos fizessem inferências sobre quais foram os processos utilizados nas retextualização observadas.

Em seguida, socializamos as observações feitas individualmente pelos alunos, com a apresentação das possíveis estratégias empregadas por eles no processo de transformação (eliminação das marcas de oralidade mais evidentes – hesitações, marcas de interação, repetições e truncamentos; emprego da pontuação e substituição lexical), no intuito de incentivar uma prática reflexiva sobre como estas estratégias estão envolvidas no processo de retextualização.

Produção escrita

9ª e 10ª aulas

Essas aulas tiveram como objetivo a realização da *Atividade V*, que visava iniciar a construção de uma entrevista escrita, a partir da retextualização da entrevista oral feita com a poetisa Maria Godelivie.

Entregamos trechos da entrevista transcrita a grupos formados por 3 (três) alunos e esclarecemos o objetivo da atividade, que consistia em preparar a entrevista escrita a ser publicada no jornal escolar e em um site especializado em Cultura Popular. Ao final, submetemos as produções de cada um dos grupos à leitura e à avaliação de outro grupo.

Reescritura

11ª, 12ª e 13ª aulas

Estas aulas foram planejadas com o objetivo de realizar a reescritura das retextualizações produzidas em grupo de três alunos, durante a aula anterior.

Para a concretização deste objetivo, preferimos apontar em cada retextualização os pontos a serem observados pelos alunos, e para isso escrevemos *bilhetes* direcionados a cada grupo. Ao invés de continuar com o trabalho em grupo, decidimos priorizar a produção individual e cada um dos componentes dos grupos pode fazer as modificações no texto.

Em um segundo momento, planejamos a edição da entrevista a partir da escolha feita pelos alunos da introdução e de 5 (cinco) perguntas que deveriam ser publicadas no jornal e de 9 (nove) perguntas a figurarem na edição da entrevista escrita para o site. Além disso, escolhemos, a partir das sugestões dos alunos, o título “Maria Godelivie: o cordel sob um olhar feminino” para a entrevista.

2. Avaliação dos resultados

Apresentaremos, a seguir, as 5 (cinco) atividades realizadas ao longo da sequência, enfocando as suas descrições, objetivos e resultados alcançados pela turma a partir da apreciação de exemplos representativos.

Atividade I

Com o objetivo de introduzir os alunos no papel de entrevistadores, aplicamos a *Atividade I*, que requisitava que os alunos escrevessem de 3 (três) a 5 (cinco) perguntas que eles fariam à Maria Godelivie, autora do folheto de cordel “O Gostosão”, lido em sala de aula, caso tivessem a oportunidade de encontrá-la.

Os alunos realizaram satisfatoriamente a atividade, apresentando perguntas que podem ser organizadas em dois grandes grupos:

Ex. 1

- Questões com o intuito de conhecer melhor o entrevistado:
Em que você se inspira para fazer seus cordéis?³
Que tipo de cordel você mais gosta de fazer?
Maria, se você fosse escrever sua história como faria?
- Questões a respeito da obra lida em sala de aula:
Essa história é real, baseada ou inventada?
Por que o final do “Gostosão”, foi tipo uma vingança? E não uma separação?
Por que você criou estas histórias?

Ao avaliar o desempenho dos alunos nesta atividade, observamos a recorrência de desvios da convenção ortográfica, principalmente, em relação ao uso aleatório de “l” ou “o” no lugar da terminação da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito “u”, como podemos evidenciar nos seguintes exemplos: “Por que você escolhel esta profiçao”; “Por que o homem da historias não fugio com a outra mulher?”; “Qual foi o seu melhor cordel que você já produzil?”. Possivelmente, os desvios evidenciados são motivados por interferência de aspectos da oralidade na escrita.

Atividade II

A *Atividade II* teve como finalidade o reconhecimento do contexto de produção e das características sócio-comunicativas e composicionais do gênero entrevista em suas modalidades oral e escrita. Para tanto, na questão A, solicitamos o preenchimento de um quadro comparativo das entrevistas apresentadas, explorando os seguintes aspectos: entrevistador; entrevistado; intenção (motivo de realização da entrevista); veículo (lugar de exibição e/ou publicação da entrevista), níveis de linguagem (mais formal ou mais informal) e público-alvo (grupo de pessoas a quem se destina a entrevista). Na questão B, os alunos eram requisitados a identificar as diferenças e/ou semelhanças entre as entrevistas escrita e oral, de modo a sistematizar os aspectos observados no quadro da questão A.

Os aspectos explorados no quadro foram adaptados das atividades com o gênero entrevista propostas pelo livro didático *Tudo é Linguagem* (BERTIN et al., 2006), considerando as características mais relevantes para compreensão da entrevista, segundo as descrições teóricas propostas para o gênero (HOFFNAGEL, 2002; FÁVERO, 2000).

³ Os exemplos foram transcritos tais como aparecem nas atividades realizadas pelos alunos.

Inicialmente, identificamos uma dificuldade dos alunos em realizar a atividade, uma vez que apresentaram problemas com a compreensão da terminologia referente às características da entrevista. Possivelmente, essa dificuldade foi provocada pela falta de familiaridade com o estudo dos gêneros a partir do reconhecimento de suas características. Com uma nova explicação dos aspectos, os alunos conseguiram preencher a maior parte do quadro.

Dois dos aspectos abordados na questão A merecem atenção especial: o veículo e o público-alvo. Grande parte dos alunos preencheu de forma satisfatória como podemos evidenciar no Exemplo 2 abaixo:

Ex. 2:

	Entrevista escrita	Entrevista oral
Veículo – lugar de exibição e/ou publicação da entrevista	O lugar de exibição foi publicada na Cordeletras	A entrevista foi na GNT
Público-alvo – grupo de pessoas a quem se destina a entrevista	Alunos de escola que querem saber mais sobre cordéis. E da informação que traz.	Pessoas que querem saber um pouco mais sobre a vida de Ivete Sangalo.

O aluno que preencheu o quadro transcrito no Exemplo 2 identificou adequadamente os veículos das entrevistas oral e escrita, respectivamente, o canal de televisão GNT e a revista Cordeletras. Além disso, apontou como público-alvo das entrevistas evidenciadas pessoas que quisessem saber mais sobre o cordel e sobre a vida da cantora Ivete Sangalo.

O Exemplo 3 é representativo da recorrência de respostas que podem confirmar a nossa hipótese referente à falta de familiaridade com o estudo dos gêneros a partir do reconhecimento de suas características.

Ex. 3:

	Entrevista escrita	Entrevista oral
Veículo – lugar de exibição e/ou publicação da entrevista	Na sua cordelaria, improvisada na sala de casa	Canal GNT Marília Gabriela
Público-alvo – grupo de pessoas a quem se destina a entrevista	Poeta	Cantora

O aluno que preencheu o quadro transcrito no Exemplo 3 respondeu adequadamente somente o veículo de exibição da entrevista oral, o canal GNT. Quanto ao veículo da entrevista escrita, o aluno identificou a “cordelaria improvisada na sala de casa” do poeta Manoel Monteiro como o lugar de publicação da entrevista, evidenciado uma confusão entre o lugar de realização da entrevista com o lugar de publicação. Para o aspecto público-alvo, o aluno registrou de modo semelhante a alguns outros alunos, “poeta” e “cantora” como pessoas a quem se destinam, respectivamente, a entrevista escrita e a entrevista oral.

Na questão B, a maior parte dos alunos focalizou como diferenças mais evidentes entre as entrevistas observadas o aspecto “nível de linguagem”, caracterizando a entrevista escrita como “mais concreta” e a oral como “mais natural”; e os “assuntos” de cada uma das interações. Quanto às semelhanças, os alunos apontaram a presença de duas pessoas nas entrevistas, cada uma com funções diferentes, ou seja, um responsável pelas perguntas e outro pelas respostas. Essa questão foi realizada de modo regular, conforme os exemplos abaixo evidenciam:

Ex. 4:

Semelhanças

Em todas tem o entrevistador e o entrevistado, nos dois tem duas pessoas e toda tem a mesma estímulo de entrevista é saber mais sobre aquela pessoa.

Diferenças:

Que um é oral e a outra é escrita, em lugares diferenças de lugares e pessoas.

O aluno que desenvolveu a resposta apresentada no Exemplo 4 foi também o responsável pela feitura do quadro do Exemplo 2. Identificamos em sua resposta, o reconhecimento de duas características básicas da entrevista: a presença de pelo menos dois interactantes em uma entrevista (“em todas tem o entrevistador e o entrevistado, nos dois tem duas pessoas”) e a intenção do gênero (“saber mais sobre aquela pessoa”). Quanto às diferenças, o aluno aponta aspectos de fácil identificação como os veículos de publicação (“em lugares diferenças”) e as modalidades já mencionadas no enunciado da questão (“um é oral e a outra é escrita”). Outro aspecto a ressaltar é a disposição da resposta, sinalizando, inicialmente, as semelhanças e, posteriormente, as diferenças. Já no Exemplo 5, não há uma separação entre as semelhanças e diferenças, como podemos verificar abaixo:

Ex. 5:

Na escrita a uma edição das palavras

A arol não pode ser editada ela é mais natural

O assunto em si!

O aluno que desenvolveu a resposta apresentada no Exemplo 5 foi também o responsável pela feitura do quadro do Exemplo 3. Observamos em sua resposta, a identificação de uma diferença entre as entrevistas: o “nível de linguagem” (“Na escrita a uma edição das palavras”; “A arol não pode ser editada ela é mais natural”). A colocação “O assunto em si!” demonstra uma possível diferença de “tema” entre as entrevistas, porém isso não pode ser afirmado, tendo em vista a dificuldade do aluno em evidenciar se a colocação é uma diferença ou uma semelhança.

Atividade III

Considerando que a sequência didática tinha como objetivo final a publicação de uma entrevista escrita resultante de uma entrevista oral, elaboramos a *Atividade III* para introduzir os alunos nos processos envolvidos na retextualização da fala para a escrita.

A atividade requeria a transformação de um trecho de uma entrevista da jornalista Marília Gabriela com a cantora Ivete Sangalo, veiculada originalmente no programa “Marília Gabriela entrevista” do canal GNT e gravada a partir do site www.youtube.com.

Vejam os trechos iniciais da transcrição apresentada na atividade:

MG: Ivete você nasceu em Juazeiro... que também é terra de?

IS: João Gilberto

MG: João Gilberto

IS: Galvão dos Novos Baianos

MG: pois é... à beira do rio São Francisco... o que será que a água tem por ali?... tem um poder mágico?... ah ah... essa coisa da música tem ali especialmente ou não?

IS: eu acho que tem... eu eu só posso crer que tem né?

Para demonstrar o modo como os alunos procederam à retextualização, observaremos 2 (duas) produções realizadas a partir do trecho acima.

Ex.6:

MG: Ivete você nasceu onde?

IS: Nasci em Juazeiro, que é terra de João Gilberto, Galvão dos Novos Baianos, na beira do rio São Francisco, que as águas são mágicas.

Ex.7:

MG: Ivete Juazeiro é terra de grandes cantores não é?

IS: Sim, com certeza, como João Gilberto e outros.

MG: João Gilberto, com certeza, não podemos esquecer dele.

IS: Sim, e também o nosso grande Galvão dos Novos Baianos.

MG: Pois é dizem que aquela beira do rio São Francisco, eu imagino o que será que aquela água tem? Parece que é um poder mágico, será que a música tem especialmente ali?

IS: Eu só posso acreditar que tem não é?

A apreciação das atividades indica que, de modo geral, os alunos focalizaram, no processo de retextualização, a eliminação das marcas de oralidade mais evidentes (hesitações, marcas de interação, repetições e truncamentos) e o emprego da pontuação.

O Exemplo 6 é representativo de uma atividade realizada de modo bastante satisfatório, uma vez que há eliminação dos aspectos mais evidentes de uma entrevista oral, condensação de ideias e uma tentativa de destacar as perguntas das respostas através da utilização do recurso sublinhado. O Exemplo 7 é representativo da dificuldade em condensar as ideias.

Atividade IV

A entrevista oral é um gênero formal público que demanda planejamento. De modo a didatizar essa compreensão do gênero, solicitamos a realização da *Atividade IV*,

que constou da elaboração de um roteiro para a entrevista oral com a poetisa Maria Godelivie e da definição dos alunos que desempenhariam a função de entrevistadores.

Reunidos em grupos de 5 (cinco) e com base na *Atividade I*, os alunos escolheram duas questões para serem submetidas à apreciação da turma. Em seguida construímos coletivamente o seguinte roteiro de perguntas para a entrevista:

1. De onde veio a idéia⁴ de fazer cordel?
2. O que você mais gosta de fazer: cordel ou dar aulas?
3. Você já viveu algum desses cordéis?
4. Qual a sensação de escrever cordéis?
5. Que tipo de cordel você mais gosta de escrever?
6. Por que você fez o folheto com o título “O Gostosão”?
7. Como você consegue exercer duas profissões?
8. Você gosta de ler cordéis de outros autores?
9. Por que você decidiu seguir essa carreira de escritora de cordéis?
10. Qual o texto de cordel que você mais se identifica?
11. Como foi sua vida antes de ser escritora de cordel?
12. Por que no final da história você inverteu a história para dar mais lógica ou só para mostrar que é melhor não brincar com fogo?
13. Até agora quantos cordéis você já produziu?
14. Como você se sentiu com essa entrevista?

Atividade V

A *Atividade V* consistiu na produção final proposta pela sequência e foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, os alunos deveriam realizar, em grupos de 2 (dois) ou 3 (três), a retextualização de fragmentos transcritos, com até 3 (três) perguntas, da entrevista oral com Maria Godelivie. Na segunda, os alunos procederam individualmente à reescrita da etapa anterior, orientada a partir de *bilhetes* produzidos pelos professores.

Para auxiliar a retextualização, apresentamos aos alunos, na própria atividade, quatro critérios de avaliação das produções, a saber: utilização de um nível de linguagem adequado ao público e aos veículos nos quais a entrevista seria publicada; retirada das marcas de hesitação e de interação e utilização de uma pontuação adequada; eliminação de repetições de palavras e ideias; e condensação do texto. De modo geral, os alunos atenderam a todos os critérios, mas demonstraram, principalmente, problemas relacionados a aspectos da microestrutura textual e à capacidade de condensação do texto.

Vejam um exemplar da *Atividade V*:

Ex. 8:

MG Bom dia a todos

⁴ Alertamos que as palavras “idéia” e “cordéis” aparecem acentuadas em alguns dos exemplos, pois contávamos com outras regras ortográficas à época da realização da sequência didática em questão.

- A** **Bom dia**
MG É um prazer estar com vocês fiquei sabendo que estavam lendo um dos meus cordéis e estou aqui para responder qualquer pergunta que vocês fizerem sobre o cordel.
- A** **O que você prefere fazer cordel ou lecionar na escola?**
MG Eu gosto das duas coisas, cada uma satisfaz diferentes prazeres.
- A** **De onde veio a idéia de fazer cordel?**
MG A idéia de fazer cordel surgiu da literatura popular. Desde de então, meu pai começou a me incentivar indo para feira e comprando cordéis.
- A** **Qual o cordel que você se identifica mais?**
MG Não tem o que eu me identifique, mas tem aquele que eu gosto mais como “A vingança da falecida”.

No Exemplo 8, constatamos o alcance dos critérios propostos pela atividade. Evidenciamos que os alunos atingiram um alto nível de condensação e eliminação das marcas da oralidade, inserindo pontuação adequada e selecionando e reordenando ideias e palavras. No entanto, ainda pudemos identificar problemas relacionados à seleção vocabular. Na tentativa de solucionar esses problemas, elaboramos o seguinte *bilhete*:

Parabéns pela realização da atividade. Vocês realmente se dedicaram à atividade e ela ficou ótima. Revejam apenas alguns detalhes:

- 1.O trecho 1 é necessário em entrevistas escritas? Não parece ser algo mais comum em entrevistas orais?
- 2.No trecho 2, a palavra sublinhada não parece muito adequada ao que vocês pretendiam dizer. Tentem substituí-la por outra mais adequada ao contexto.
- 3.Segundo Maria Godelivie, a idéia de fazer cordel surgiu da literatura popular ou do gosto dela pela literatura popular? Acho que nessa resposta vocês também poderiam falar do papel de Manoel Monteiro na carreira de cordelista. Observem na transcrição que ela cita esse fato.
- 4.No trecho 4, a palavra sublinhada não poderia ser melhor substituída por “que é o”.

No exemplar em questão, os alunos seguiram as orientações propostas acima e produziram a seguinte reescritura:

- A:** **O que você prefere fazer cordel ou lecionar na escola?**
MG: Eu gosto das duas coisas, cada uma me dar diferentes prazeres.
- A:** **De onde veio a idéia de fazer cordel?**
MG: A idéia de fazer cordel surgiu pelo gosto da literatura popular. Desde então, meu pai começou a me incentivar, indo para a feira e comprando cordéis, além disso Manuel Monteiro incentivou ainda mais dizendo que poderia publicar.
- A:** **Qual o cordel que você se identifica mais?**
MG: Não tem um que eu me identifique, mas tem aquele que eu gosto mais que é o “A vingança da falecida”.

Solucionando as inadequações vocabulares, o aluno substitui “satisfaz” por “dar diferentes prazeres” em “cada uma me dar diferentes prazeres”; “surgiu da literatura

popular” por “surgiu do gosto pela literatura popular”; e “como” por “que é o” em “mas tem aquele que eu gosto mais que é o “A vingança da falecida””. Atendendo à primeira sugestão do *bilhete*, o aluno retira o trecho inicial típico de uma entrevista oral, adequando, assim, o seu texto ao gênero solicitado, ou seja, uma entrevista escrita.

Realizamos a edição final das entrevistas escritas e reconhecemos que essa poderia ser um momento adequado para inserção de tecnologias como os editores de texto nas práticas de escrita em sala de aula, porém esse procedimento não pode ser realizado, em virtude da limitação do tempo disponível e da não disponibilidade de sala de computadores para os alunos.

Maria Godelivie: o cordel sob um olhar feminino

A cordelista Maria Godelivie Cavalcante de Oliveira nasceu no dia 14 de outubro de 1959, em Campina Grande, Paraíba. Seguiu carreira de professora de Língua Portuguesa. Seu primeiro cordel com o título de “O Gostosão” foi lançado em 2001. Com 10 folhetos já publicados, sua motivação de escrever cordeis é o prazer de contar uma boa história e chamar a atenção dos leitores para as atitudes machistas de forma engraçada.

Em entrevista aos alunos da E.E.E.F.M. Severino Cabral, Maria Godelivie fala sobre a sua vida profissional e seus cordéis.



O que você mais gosta de fazer: ensinar ou produzir cordéis?

As duas coisas, cada uma me proporciona prazeres diferentes. O cordel satisfaz meu ego, mas eu adoro ensinar.

Você usa cordel em sala de aula?

Uso. Os alunos têm obrigação de ler quatro livros, um por unidade. Mas o livro é mais difícil deles comprarem, porque é mais caro. Então, eles têm que ler quatro cordéis,

que podem ser meus ou de outros autores. (...)

Em seu primeiro cordel “O Gostosão” você inverte a idéia proposta pelo título, fazendo com que o marido traidor se torne submisso à mulher. Qual o motivo dessa inversão?

Primeiro para ficar divertido, segundo para dar uma rasteira nos homens. Meu maior objetivo é pegar no pé dos machistas, pois nosso mundo ainda é muito machista e sabemos que os seres humanos são todos iguais.

3. Considerações finais

A experiência relatada demonstra a viabilidade de realização de uma sequência de ensino baseada numa concepção de língua sóciointeracionista que contemple o trabalho com eixos USO – leitura, escuta e produção oral e escrita; REFLEXÃO – análise linguística; e USO – reescrita -, mesmo em face das dificuldades existentes no contexto escolar de ensino público.



O comprometimento dos professores em formação com os conhecimentos adquiridos no círculo acadêmico e o empenho na efetivação da sequência, somado a um relativo envolvimento dos alunos, resultaram em uma prática de escrita que não se limita à atividades meramente avaliativas, uma vez que o produto final da sequência, a entrevista escrita, parcialmente transcrita acima, foi publicado em dois suportes midiáticos aos quais os alunos têm acesso: o jornal escolar e o site Cordel Campina (www.cordelcampina.com.br).

Referências

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHESI, Vera. **Tudo é linguagem**. 8ª série. São Paulo: Ática, 2006.
- O CORDEL LEVADO A SÉRIO**. In: CORDELETRAS, ano I, n° 1, jun. 2007. p. 5-7.
- DOLZ, Joaquim; et al. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. Projetos Paralelos NURC/SP. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 79-97.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: BEZERRA, M.A.; DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 180-193.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A.; MACHADO, A. R. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- _____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, Williany Miranda da. **O Gênero textual no espaço didático**. 2003. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação** – uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Gramática**: Ensino Plural. São Paulo: Cortez, 2003.